



Sermão do Encontro

Domingos Volney Nandi

Florianópolis, 02 de abril de 2017

Ó vós que passais. Olhai e vede se há dor igual à minha dor!

Caríssimas irmãs e caríssimos irmãos,

Excelentíssimas autoridades presentes;

Caríssimos: arcebispo metropolitano, membros do clero, religiosas e religiosos;

Venerável Irmandade do Senhor dos Passos, tendo à frente o provedor, senhor Luiz Mario Machado;

Minha saudação carinhosa às demais irmandades visitantes;

Povo fiel do Senhor dos Passos e da Senhora das Dores.

[Preâmbulo]

Eis, na sociedade do hedonismo, do espetáculo e do culto ao corpo, o Homem das dores! Sem graça nem beleza para atrair nossos olhares.

Eis, na cidade do desterro, Maria, cheia de graça e Senhora das Dores.

[Duas imagens, dois encontros]

Há 300 anos a mãe de Deus visitava nossa Pátria por meio de um sinal: uma imagem. O grito do povo maltratado se unia ao sinal da imagem de Nossa Senhora Negra e Aparecida.

Há 253 anos, em 1764, Deus visitava nossa cidade, a cidade do Desterro, também por meio de um sinal: uma imagem. A imagem do Senhor dos Passos. Uma imagem numa história misteriosa, cheia de sinais que só poderiam ser interpretados por gente de fé; uma história envolvente de marujos, líderes do povo, devotos, tempestades e mar agitado.



Imaginemos a emoção do povo açoriano ocorrendo em procissão até o navio ao se dar conta da visita de Deus por meio de tão sacrossanta imagem. E tudo fez para convencer o comandante de que a imagem aqui ficasse.

Era a imagem do Senhor dos Passos chegando num cenário de complicidade entre a natureza e o povo açoriano. Dois anos após, aconteceu a primeira procissão. E aqui estamos nós na edição 251 desta procissão que segue os passos do Homem da Cruz.

Nesses 251 anos foram multidões seguindo os passos de Jesus. Multidões separadas no tempo, mas unidas num único espaço, unidas no mesmo trajeto processional. Multidões separadas no tempo e unidas na contemplação do mesmo sinal: a imagem do Senhor dos Passos.

Nesse sentido é justo que se faça memória de lideranças políticas e governamentais, culturais e sociais, magistrados e militares, sacerdotes e lideranças comunitárias. Ainda: os milhares de irmãs e irmãos anônimos, parentes e amigos, que ao longo desses 251 anos participaram dessa procissão, vivenciaram seus encontros com Cristo, passaram pelas estações da dor, ultrapassaram as fronteiras deste mundo, fizeram sua Páscoa.

Dentre esses irmãos, tomo a liberdade de recordar alguns que permanecem vivos na memória de muitos de nós: Dom Joaquim Domingues de Oliveira, Dom Afonso Niehues, Monsenhor Frederico Hobold, Monsenhor Francisco Topp, o desembargador João José Medeiros Silva, provedor cinquentenário da Irmandade do Senhor dos Passos. E mais recentemente: Monsenhor Francisco de Salles Bianchini e Pe. José Edegard de Oliveira. E desse seletto elenco, irei conter as lágrimas para terminar citando o nome daquele que tanto eu gostaria que estivesse aqui, agora, em meu lugar, com sua teologia vivida, proferindo este sermão: Pe. Ney Brasil Pereira.

Sigamos confiantes os passos do Homem da Cruz. Renovemos nossa fé no Senhor que nos conduz.

[Refrão cantado: Eu confio em Nosso Senhor]

1 Maria das Dores, Senhora da quarta estação

Ave, ó Maria das Dores, Senhora da quarta estação. Convosco contou Jesus em todas as estações de sua vida. Contou convosco nas estações da infância: no drama de seu nascimento em Belém, na fuga



para o Egito, no desencontro e encontro em Jerusalém. Agora conta com vossa presença junto de si, no Calvário.

Nesse encontro contemplamos a profunda comunhão de amor entre mãe e filho. Na escura solidão dos passos da Paixão, a Mãe das Dores, bendita entre as mulheres, oferece ao seu Filho um bálsamo de ternura.

Aquela troca silenciosa de olhares é eloquente, fala mais do que discursos e palavras. A dor do filho é a dor da mãe. Há algo que ninguém repara, ninguém presta atenção, apenas Jesus: cumpriu-se a profecia de Simeão: *uma espada trespassará a tua alma* (Lc 2,35).

– *Ó vós, que passais, olhai e vede se há dor igual à minha dor.*

[Refrão cantado: Pela Virgem dolorosa...]

Senhor dos Passos, mostrai-nos vossa Mãe humilde e dolorosa para nos comover e nos converter. Mostrai-nos em nossos dias as mães sofredoras, Marias das dores, mães da quarta estação. Mães que não abandonam seus filhos no calvário da vida. Elas estão na multidão, despercebidas, preocupadas com seus filhos. Não falam, vão com seus filhos, solidárias na dor.

São as tantas mães que ajudam seus filhos a enfrentarem o Calvário: as mães das dores de todas as estações. Mães de filhos portadores de deficiência, enfermos, acidentados, prisioneiros, drogados... Tantas delas aqui presentes. Ó vós, mães enlutadas dos funerais precoces, por causa das nossas guerras: a guerra do trânsito e a guerra do narcotráfico. Em tempo de guerra solidão e dor se abraçam. Em tempo de guerra os pais sepultam os filhos.

Ó vós, mães das dores, há quanto tempo não vedes vossa filha, vosso filho que partiu? Sabeis que vosso luto não tem fim. A cada aniversário, Natal e Páscoa, um turbilhão de lembranças vos povoa a mente e as lágrimas vos inundam o coração. E lá em vossa casa há sempre aquele lugar vazio. E a saudade dói, a garganta entope. E procurais vos conter para a dor esconder e escondidas chorais.

Maria das Dores, Mãe de Jesus, senhora do encontro e da quarta estação. Rogai pelas mães que choram por encontrar seus filhos injustiçados. Também por aquelas que encontram seus filhos nos caminhos da violência, dos vícios e do crime. Rogai por aquelas que encontram seus filhos crucificados num leito de dor. Por aquelas que encontraram o filho morto. E rogai por aquelas que não encontram seus filhos.



Ó vós, que passais, pelo Largo da Alfândega, às terças-feiras, ao meio dia, olhai e vede se há dor igual à minha dor.

[Refrão cantado: Pela Virgem dolorosa...]

Ó Virgem-mãe, Senhora das Dores, nesta hora o que se passa em vossa mente? O que fizeram com o Cristo do vosso ventre?

No calvário é tudo tão diferente. No nascimento, do céu se ouvia o cântico da multidão de anjos: *Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens por ele amados*. Agora, no corredor da morte, algazarra na terra, zombarias da multidão, os estalidos das chicotadas e o choro falso das carpideiras.

Eis o rosto machucado, ensanguentado, corpo torturado. É bem diferente do rostinho do menino do presépio, do menino que corria das ruas de Nazaré para o vosso colo e o colo de José.

Eis o Verbo criador desse mundo tão imenso, agora sem ouro e sem incenso. Ó Maria, que amamentastes, embalastes, e que fizestes o Cristo falar, que fizestes Jesus caminhar!

Em vossa mente o menino das canções de embalo que percorria em seus sonhos os caminhos da paz. Em vossa mente a tirania de Herodes, vossa luta contra a morte com o menino apertado em vosso peito em desconfortável montaria, em fuga para o Egito. Ainda em nossos dias a matança de inocentes é por conta do poder que cega.

Ó Mãe das Dores e Senhora do Desterro, ajudai-nos a manter distância dos malvados e de suas maldades. E rogai pelas mães de verdade que não se deixam abater diante da violência dos que maltratam e até interrompem a vida. Ó Mãe das Dores e Senhora do Desterro, rogai pela boa sorte das mães que fogem da violência de Herodes, que fogem do caminho do aborto, da mentira e da morte.

[Refrão cantado: Pela Virgem dolorosa...]

2 Senhor dos Passos, Salvador do mundo

Ó Senhor dos Passos, Salvador do mundo. Salvai-nos da cultura da violência e da morte.



Na Via sacra da vida podemos ser Maria, Cireneu, Verônica, José de Arimateia, o discípulo amado... Às vezes somos o Cristo, outras somos Pilatos. E como massa podemos fazer o papel da multidão que faz dos flagelos, das quedas, dos açoites, do sofrimento alheio, da morte... um espetáculo. A paixão e a morte sangrenta de Cristo foi espetáculo para muita gente.

Hoje, é triste ver os que se dizem cristãos fazerem parte da turba que se diverte com a dor, com o sofrimento alheio, fazendo disso um espetáculo. Isso acontece quando somos contados nos altos índices de audiência como aqueles que fazem da violência e da morte um espetáculo para ser assistido em confortável poltrona, a cores e em alta definição, bebendo e comendo. Na sociedade do espetáculo o quinto mandamento – *não matar* – deixou de existir. A morte virou espetáculo para milhões. Somos cúmplices dessa cultura quando alimentamos nossos filhos com jogos violentos e filmes insanos. Quanto mais sangue melhor!

Assistimos impassíveis à publicidade e exibição de filmes violentos e de lutas selvagens apelidadas de esporte. Presenteamos nossos filhos com armas de brinquedos. A violência é cultivada desde a infância e seus frutos são amargos. A cultura da violência infiltrou-se nas fileiras dos que deveriam combatê-la. O plebiscito do armamento provou isso. Os frutos estão aí, bem amargos. A ONU comprovou: quanto mais armas, mais violência. As crianças já estão matando, de brinquedo e de verdade. Já é tempo de desarmá-las. Mais armas, mais violência, sejam elas de brinquedo ou de verdade.

Senhor dos Passos, Salvador do mundo, salvai-nos de nós mesmos.

Por conta dessa cultura da violência e da morte, o vazio de Deus. Crianças, jovens e adultos sinalizam a solidão de Deus. Demonstram esse vazio com seus filmes prediletos, seus brinquedos, seus heróis, seus ídolos e mitos.

Falava no início que Deus visitou nossa Pátria por meio do sinal de uma imagem, que visitou nossa cidade por meio de uma imagem. As imagens religiosas e religiosamente belas são mediações para a emanação do sagrado e a construção de nosso imaginário religioso e social.

Vai longe o tempo em que imagens religiosas ornamentavam as paredes de nossas salas e os quartos de nossos filhos. Era o tempo em que Deus povoava a solidão e dava um sentido para vida. Quando nos descuidamos dos sinais de Deus, quando nos descuidamos do imaginá-



rio religioso, o lugar do transcendente acaba sendo ocupado por ídolos, super-heróis, duendes, robôs, androides, bruxas e ETs.

Se povoarmos o imaginário de nossas crianças e adolescentes com super-heróis que resolvem tudo na base da violência e da força, será que apreciarão, depois, o Príncipe da paz e todos aqueles cujos métodos são pacíficos, baseados no amor e no perdão?

E na esteira desse vazio assistimos a infância sendo roubada. A infância está desaparecendo, está sendo destruída por sistemas que tornam as crianças mais semelhantes aos adultos eliminando as diferenças, oferecendo a ambos as mesmas informações e estimulando as atitudes e comportamentos que não condizem com sua idade e inocência, por meio da publicidade, de certos brinquedos, modas, gestos e canções.

Senhor dos Passos, Salvador do mundo, salvai-nos de nós mesmos.

[Ecologia]

Senhor dos Passos, Verbo de Deus, Palavra criadora de nossos biomas, louvado sejais por tantos irmãos e irmãs, organismos e instituições que, nesta terra santa e bela, protegem e preservam a natureza criada.

Na primeira encíclica ecológica, *Laudato Si*, o Papa Francisco recorda a relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta. Os pobres e a natureza são explorados, diz ele, denunciando a exploração da mão de obra barata e a extração desenfreada dos recursos naturais, tudo em nome do lucro fácil disfarçado de progresso humano.

Ó vós, que passais por essa ilha santa e bela. Olhai e vede quanta beleza na paisagem e nos rostos talhados pela comunhão de raças. Tantas praias vos dei, balneários, rios, lagoas e matas. Ó vós, que passais por praias poluídas e esgotos a céu aberto. Ó vós, desligados da rede. Olhai e vede quanta desfeita aos presentes que vos dei.

Ó vós, Pilatos tantos, os que lavais e os que sujais as mãos, comparsas de Judas em troca de moedas. Moedas verdes.

Senhor dos Passos, Salvador do mundo, salvai-nos de nós mesmos.

Refrão cantado: Ao morrer crucificado, teu Jesus é condenado,

Perdoai-nos bom Jesus



[As surpresas do Calvário]

Sabemos que o sofrimento desestabiliza nossa vida. Por mais fortes que sejamos, por mais fé que tenhamos, o sofrimento mexe com o nosso interior, atinge nossa espiritualidade e de algum modo nos debilita. Também Jesus passou por isso e chegou a ponto de suar sangue.

É nessa hora que a nossa solidariedade fortalece o outro em sua dor. Na maior parte das vezes, trata-se de uma solidariedade em forma de presença silenciosa; aquele silêncio respeitoso da dor, que se faz próximo, como que segurando a mão de quem precisa de apoio e não de palavras.

Quando chegardes nessa estação – a estação da dor, do sofrimento e da solidão – será confortante encontrar-se com as consolações de Deus, com as surpresas do calvário: a consolação de uma Verônica, de um Cireneu, das santas Marias, das chorosas mulheres de Jerusalém, de José de Arimateia, de um discípulo amado.

Vede que curioso: da boca desses ministros da consolação, no calvário de Jesus, nenhuma palavra. Aqui uma lição que não se aprende nos livros e sim prestando atenção: O que as pessoas mais desejam, na hora da dor, na hora do luto, é alguém que as escute de maneira calma e tranquila. Em silêncio. Amamos, não a pessoa que fala bonito e sim a que escuta bonito. A fala só é bonita quando nasce de uma longa e silenciosa escuta. É na escuta que o amor começa. E é na não-escuta que o amor termina.

As surpresas do Calvário nos ensinam que a fé em Deus não é verdadeira quando se centra em Deus e se esquece do outro. A fé em Deus não é verdadeira se não existir um ‘enamoramento’, um comprometimento com a dor humana. É o que nos ensinam Cireneu, Verônica, as santas mulheres, José de Arimateia, a Mãe de Jesus, as outras Marias e o discípulo amado. O amor a Deus passa pelo amor aos irmãos.

O cristão verdadeiro vive a paixão pelos sofredores. E a característica da Igreja de todos os tempos é o amor preferencial pelos pobres e sofredores. Nesse momento difícil e tão triste em que passa o povo brasileiro, por conta da falta de ética, a Igreja se mantém fiel em sua missão profética. Nesse sentido, é justo repercutir aqui a carta dos bispos do Brasil sobre a Reforma da Previdência. Lembram os bispos que essa PEC:

Ao propor uma idade única de 65 anos para homens e mulheres, do campo ou da cidade; ao acabar com a aposentadoria especial para



trabalhadores rurais; ao comprometer a assistência aos segurados especiais (indígenas, quilombolas, pescadores...); ao reduzir o valor da pensão para viúvas ou viúvos; ao desvincular o salário mínimo como referência para o pagamento do Benefício de Prestação Continuada escolhe o caminho da exclusão social.

Na referida carta, dirigindo-se aos parlamentares, os bispos brasileiros fazem repercutir as seguintes palavras do Papa Francisco, no seu discurso aos dirigentes e funcionários do Instituto Nacional da Previdência Social Italiano, em 2015:

A vossa difícil tarefa é contribuir a fim de que não falem as subvenções indispensáveis para a subsistência dos trabalhadores desempregados e das suas famílias. Não falte entre as vossas prioridades uma atenção privilegiada para com o trabalho feminino, assim como a assistência à maternidade que sempre deve tutelar a vida que nasce e quem a serve quotidianamente. Tutelai as mulheres, o trabalho das mulheres! Nunca falte a garantia para a velhice, a enfermidade, os acidentes relacionados com o trabalho. Não falte o direito à aposentadoria, e sublinho: o direito – a aposentadoria é um direito! – porque disto é que se trata.

Lembram nossos bispos: Nenhuma solução para equilibrar um possível déficit pode prescindir de valores éticos, sociais e solidários. Na justificativa da PEC 287 não existe nenhuma referência a esses valores, reduzindo a Previdência a uma questão econômica. E a carta termina nos seguintes termos:

Convocamos os cristãos e pessoas de boa vontade, particularmente nossas comunidades, a se mobilizarem ao redor da atual Reforma da Previdência, a fim de buscar o melhor para o nosso povo, principalmente os mais fragilizados.

Queridos irmãos e irmãs.

No Calvário de Cristo aparece um senador e membro do Sinédrio, o colégio dos mais altos magistrados do povo judeu: José de Arimateia. Era discípulo oculto e simpático às ideias de Jesus. Se na Via-Sacra da vida fordes como José de Arimateia, dizei: ‘eu nasci para legislar em favor do povo e não em causa própria’. Se na Via-Sacra da vida fordes como uma Verônica, dizei: ‘Eu nasci para enxugar as lágrimas do Cristo que chora’. Se fordes como um Cireneu, dizei: ‘Eu nasci para ajudar a carregar a cruz do Cristo padecente’.



V: *Nós vos adoramos Senhor Jesus Cristo e vos bendizemos...*

R: *Porque pela vossa santa Cruz remistes o mundo.*

Caríssimas irmãs e irmãos.

Eis o Senhor dos Passos, Salvador do mundo, com a cruz às costas. Nasceu numa manjedoura, enfrentou o exílio, sentiu saudades, fome, sede, cultivou amigos, trabalhou numa carpintaria, sentiu dores, teve o corpo todo cansado, foi injustiçado, açotado, coroado de espinhos. Não veio tirar nossas dores, mas veio sofrer conosco.

Eis o mestre que lavou os pés de seus discípulos. Eis o Filho amado do Pai que sendo rico se fez pobre. Comia com os pecadores e acolhia as prostitutas. Brincava com as crianças e cultivava especial respeito pelas mulheres. Sempre quando queriam proclamá-lo rei dava um jeito de se escapar, quase sempre para rezar.

Anunciava a paz, tinha zelo pela casa do Pai e purificava o templo, não com água benta, mas sim com chicote. Ensinou com suas palavras e seu divino exemplo que o maior é aquele que serve. E quem quiser seguir os seus passos precisa ter coração de criança e espírito de pobre; precisa ser promotor da justiça e da paz; precisa ser misericordioso, amar os inimigos e perdoar setenta vezes sete. No seu reino, o maior é aquele que serve.

Passou por este mundo fazendo o bem. E tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim. Sigamos seus passos, seus ensinamentos. Ele espera de nós compromisso com a vontade do Pai: o seu Reino aqui na terra como já é no céu. E no Reino definitivo chamará à sua direita aqueles que são do bem. A esses fará sentar-se à mesa do banquete do Reino e, passando, ele mesmo os servirá.

V: *Senhor dos Passos, nós vos adoramos e vos bendizemos.*

R: *Porque pela vossa santa Cruz remistes o mundo.*

V: *Rogai por nós Santa Maria, Mãe das Dores.*

R: *Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.*

V: *Senhor dos Passos, manso e humilde de coração.*

R: *Fazei nosso coração semelhante ao vosso.*